

# Considerações sobre a contemporaneidade e a prática da psicanálise

## *Considerations about the contemporaneity and the practice of psychoanalysis*

**Augusto Cesar Freire Coelho, Marianna Vargas**

### Resumo

O objetivo do texto é descrever a cultura com o ferramental da psicanálise, relacionando mutações sociais às formas clínicas atuais e descrevê-las de maneira a sustentar a intervenção psicanalítica. Inicia apresentando a teoria freudiana sobre a cultura, indicando a importância do pai em suas articulações. Depois apresenta a contemporaneidade a partir do declínio do nome do pai, da queda no valor do Outro e nas relações de objeto. Enfim apresenta a depressão, a toxicomania e a histeria como paradigmas dos quadros clínicos contemporâneos. Encerra propondo que a intervenção psicanalítica atual possa pensar o sintoma a partir do conceito de desmentido.

### Palavras-chave

Contemporaneidade, Psicanálise, Histeria.

### Abstract

*This paper aims to describe Culture as a psychoanalysis tooling, relating social mutations to the current clinical forms and describing them as to sustain psychoanalytical intervention. It begins presenting Freudian theory on culture, indicating Father's importance in its articulations. Then it presents the contemporaneity from the Name-of-the-Father decline, from the lose value of the Other and from the object relations. Therefore it presents depression, drug addiction and the hysteria as the paradigms of the contemporary clinical forms. It ends by proposing that current psychoanalytic intervention may think the symptom from the concept of denial.*

### Keywords

*Contemporaneity, Psychoanalysis, Hysteria.*

### **Augusto Cesar Freire Coelho**

**Universidade Federal Fluminense**

Psicanalista, doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor da Universidade Federal Fluminense.

[acfreire@gmail.com](mailto:acfreire@gmail.com)

### **Marianna Vargas**

**Universidade Federal Fluminense**

Psicanalista, graduada em psicologia pela Universidade Federal Fluminense.

[marycmfv@hotmail.com](mailto:marycmfv@hotmail.com)

## Introdução

A questão que se encontra no consultório não é mais a questão que se encontrava no século XX. Antes os pacientes buscavam o analista para lidar com os conflitos psíquicos, inerentes ao desejo (o querer e não querer ao mesmo tempo em um mesmo espaço). Hoje o que se ouve nos consultórios pode ser descrito como a dificuldade de existir em um mundo onde predomina um gozo excessivo, sem barra, que se opõe ao desejo de outrora.

A psicanálise nos mostra que o que define o mundo do desejo é o limite e a possibilidade de seu ultrapassamento. A cultura atual, com o progressivo apagamento dos limites e a desconfiança permanente em relação a tudo o que possa sustentar a posição de lei (instituições ou sujeitos), não fornece mais os parâmetros sociais que serviam de baliza ao desejo. Por isso, o que se escuta na clínica de agora são as dificuldades derivadas dessa ausência de parâmetros.

Esta ausência de parâmetros vem sendo nomeada, na psicanálise, como um declínio do Nome-do-Pai. Ou seja, os psicanalistas contemporâneos concordam em descrever o abalo na importância daquilo que articulava parâmetros no campo social e, paralelamente, na estrutura neurótica, em referência à função paterna.

O declínio do Nome-do-Pai, por sua vez, tem consequências diretas nas formas clínicas que encontramos em nossos consultórios. Freud, mais de uma vez (FREUD, 1974 [1913]; 1974 [1921]; 1974 [1930]), afirmou a isomorfia entre a psicologia individual e a psicologia das massas ou psicologia social. Lacan afirmou que o inconsciente é o social, ou seja, que não é só a história individual que incide na estrutura inconsciente. Se este é estruturado como uma linguagem o entorno social está profundamente articulado às possibilidades subjetivas. Desta forma, se encontramos no social uma nova economia, uma nova organização das balizas que organizam os laços, também a encontramos em nossos consultórios, com os efeitos que lhe serão próprios.

Cabe, assim, aos psicanalistas contemporâneos descrever nossa cultura com o instrumental da psicanálise. Relacionar as mutações sociais que vivemos às formas clínicas que chegam ao consultório e, ainda, descrever as novas formas clínicas de maneira a sustentar a intervenção clínica. O objetivo deste texto é apontar algumas direções para alcançar estes três objetivos.

## A cultura no consultório do psicanalista

É possível descrever a forma como Freud tratou da questão da cultura utilizando dois temas: a função paterna e a pulsão. O sujeito freudiano está de saída imerso no social pela constituição do supereu, uma vez que este, derivado das identificações primárias à figura paterna, é veículo da tradição. A definição do conceito de pulsão, por sua vez, parte da inexistência do objeto natural de satisfação para o humano. Não há, portanto, possibilidade de satisfação plena. Junte-se a isso, outro elemento do conceito, a perenidade da exigência de satisfação. A cultura é uma resposta a esta situação: uma proliferação de formas de alcançar a satisfação, sempre parcial.

Mas se, por um lado, a cultura apresenta uma série de objetos de satisfação, por outro ela concretiza a impossibilidade estrutural da satisfação plena. Freud entende que é sempre problemático abrimos mão de nossas satisfações e que nunca o fazemos sem alguma luta (FREUD, 1974 [1914]). O que visa garantir a renúncia à satisfação pulsional e organizar o

acesso aos objetos de satisfação é o que a psicanálise chama de lei. A lei em questão opera como um terceiro termo mediando toda relação entre os pares e entre o sujeito e o objeto. É função do pai, na obra freudiana, a introdução e a sustentação da lei na economia psíquica.

Vemos assim que a função paterna e a teoria da pulsão permitem circunscrever a articulação freudiana da cultura. Uma cultura organizada em torno de um objeto impossível e que oferece a seus membros uma forma legislada de acesso à satisfação possível, em um mundo de representações que operam como semblantes do objeto que causa o desejo.

Do ponto de vista subjetivo é preciso avançar um pouco mais. Lembremos que Freud faz este paralelo entre a organização da sociedade e a neurose que lhe é correspondente. Se a lei opera para organizar o acesso à satisfação possível sua eficácia depende da forma como ela é introjetada, a forma como ela se inscreve no sujeito. Como indicado acima, é pela via do supereu, ou seja, uma identificação ao pai que enlaça sujeito e cultura. Esta identificação, por sua vez, Freud a propõe herdeira do assassinato do pai.

O assassinato do pai é central em Totem e Tabu (FREUD, 1974 [1913]), texto bem anterior à formulação do conceito de supereu. Neste texto, no entanto, Freud já articula o tabu com a “origem da consciência” moral (Gewissen), aquilo que permite abrir mão de um desejo (FREUD, 1974 [1913], p.80) como forma de evitar a culpa pelo assassinato do pai. A questão da paternidade nas sociedades totêmicas é a via pela qual Freud articula o impossível ligado à sexualidade com a cultura. A mulher grávida nomeia um totem, vincula-o ao nascimento da criança. Isso não é atribuído a uma ignorância da função do sexo na reprodução. Ao contrário, isso é explicado pela recusa a que se estabeleça um saber sobre o encontro sexual, é a aceitação da impossibilidade de dar conta do encontro sexual. Assim é que Freud articula o sexual, a cultura e a função paterna.

A figura paterna que Freud situa na origem da cultura é rastreada no sacrifício e no banquete totêmicos. Estes rituais permitem que os filhos se reconheçam como irmãos, ou seja, possibilitam o laço social. Acontece que estes mesmos rituais são o retorno simbólico do assassinato deste pai primitivo, o laço social sendo explicado pela necessidade da anulação da culpa. A força do pai deriva, portanto, do recalque deste evento culpabilizante. Retorna no simbólico, na instauração da lei que sustenta a inacessibilidade do gozo aos filhos, impossibilitando o acesso a todas as mulheres e interditando o assassinato do pai, daí por diante representado pelo animal totêmico.

Lacan fez coincidir as leis da linguagem à lei que Freud situou na origem da cultura. O que caracteriza a lei é a impossibilidade do sujeito se representar completamente, a impossibilidade de representar o gozo sexual. Mas no mito de Freud o pai teria tido acesso ao gozo pleno, esse gozo perdido no gozo fálico que a fratria inaugura. Sendo assim, o recalque deste pai que gozava faz retornar, na cultura, um imperativo de gozo, junto com a lei que o interdita. No complexo de Édipo cada neurótico revive este assassinato original e atualiza, assim, a distinção entre o gozo e a lei, já que esta última se origina da perda do gozo. O assassinato do pai, para Lacan, serve, assim, para delinear, a partir do campo simbólico, um espaço em que o gozo sexual é impossível de simbolizar. Um lugar para o real, portanto. Daí a necessidade teórica de situar no Outro, lugar da fala, um recalque primordial que garante a impossibilidade do gozo (LACAN, 1994 [1969-70]).

Lacan deslocará o pai todo poderoso para um pai desde sempre morto, com a formulação do Nome-do-Pai. Agora entende-se que a submissão do humano à lei é consequência do medo da perda do amor paterno. Trata-se, no entanto, de um pai simbólico, um pai que pronuncia um interdito em Nome-do-Pai, um significante. A este significante responde simetricamente

outro significante, o falo, que ordena a cadeia das possibilidades do desejo a partir da falta de um.

Em *Moisés e o Monoteísmo* (FREUD, 1974 [1939]) Freud volta a propor um assassinato na origem da cultura. Este assassinato não é sustentado por evidências antropológicas ou históricas, nem é um mito construído a partir destas evidências. Daremos ênfase ao fato de que este assassinato foi desmentido<sup>1</sup>.

No texto em questão Freud se admira do fato de que ninguém tirou consequências do nome de Moisés ser um nome egípcio. Ninguém apontou que o nome poderia indicar uma origem também egípcia. Assim, o nome está ali, visível, perceptível, mas não produz consequências subjetivas, foi desmentido. Além do nome, o assassinato deste Moisés egípcio e suas consequências para o povo judeu. Freud nos mostra como ler um texto cujos significantes não foram apagados, mas cujas consequências não se fizeram presentes.

Na apresentação freudiana Moisés foi alguém que impôs sua religião a todo um povo. Ele bane a idolatria, interdita a possibilidade de representação da figura paterna, impõe a todo um povo uma lei simbólica que lhe era anterior. Ao contrário do pai totêmico, porém, Moisés estava submetido à lei que infringia a seu povo. É pelo seu desejo que a lei é imposta, é um pai desejante que Freud descreve aí, mas é um pai que obriga uma lei que interdita o gozo inclusive dele mesmo.

Este pai desejante equivale a instaurar, no Outro, uma barra. Mais que isto, indicar o Outro como lugar de onde advirá a verdade do sujeito, já que é em relação ao real da barra do Outro que o sujeito pode advir como posição.

Freud demonstra a verdade do texto bíblico. Nos pontos em que o texto marca o seu limite, nos pontos em que consequências não são tiradas, é nestes pontos que Freud indica a presença da verdade. Esta verdade ele a confirma naquilo que retorna no real. A força do monoteísmo, a ferocidade do Deus do velho testamento, a assunção da culpa judaica pela morte de Cristo, cada um destes elementos está visível, o que Freud faz é tirar deles consequências, suspendendo, com o que escreve, o desmentido.

A palavra é o caminho pelo qual a religião de Moisés vai se estabelecer em nossa cultura. É a palavra dos profetas que manteve viva a história do monoteísmo judeu. O texto histórico encontra-se marcado pelos efeitos do desmentido: falhas de tradução, falhas na inscrição. A verdade histórica, porém, retorna no real do discurso como a religião do Deus ético mosaico, pela voz dos profetas.

O retorno na tradição oral é muito importante para a leitura lacaniana. A voz tem um valor objetal bastante particular que permite considerar a dimensão do desejo onde só era considerada a dimensão do gozo. Isto dá à lei fundadora da cultura, um lugar distinto do ocupado pela lei do pai totêmico. A ligação entre desejo e lei será muito referida, no ensino de Lacan, à questão da voz, objeto a por excelência. Daí desta relação deriva uma identificação ao pai mais ampla que aquela pensada a partir do pai da horda.

O pai totêmico permite uma identificação por um traço comum, como Freud desenvolve a respeito da psicologia das massas (FREUD, 1974 [1921]). É esta identificação que Lacan articula no discurso do mestre, identificação ao S1, fálica, o gozo aí aparece como mais-gozar, gozo perdido pelo pai. A voz, por sua vez, não opera como significante, opera como objeto. Em relação à voz a identificação acontece no limite do simbólico, que Lacan situa como objeto a, causa de desejo (e não mais-gozar) (LACAN [1962/63]).

A voz é, aqui, manifestação do desejo do Outro. Significante da falta do Outro S ( $\bar{A}$ ), portanto, ponto em que o sujeito se defronta com um Outro que dita a lei sem garantias. No seminário descontinuado sobre os nomes do pai

## 1

O termo que usamos aqui é tradução de *Verleugnung*. É Lacan que propõe a tradução que adotamos. Com a leitura lacaniana de Freud o desmentido aparece como defesa característica do fetichismo. Descreve a percepção da castração e a evitação desta percepção, caracterizada por uma atitude para "desmentir" esta percepção.

(LACAN, 2005 [1963]) Lacan apresenta esta voz como manifestação do desejo do Outro. O sacrifício de Isaac é ali retomado, dando continuidade ao que tinha apresentado no seminário sobre a Angústia, no período anterior (LACAN [1962/63]). Naquele momento Lacan afirma que o carneiro oferecido em lugar de Isaac “é o carneiro primordial. [...] é um Elohim... Aquele que é reconhecido como o ancestral da raça.” (LACAN, 2005 [1963] p. 84). Ou seja, a Bíblia aí mostra a morte do pai oferecida em troca da vida do filho “Aqui se marca o corte entre o gozo de Deus e isso que, de uma tradição, o designa como desejo” (LACAN, 2005 [1963] p. 85).

Abraão interpreta o desejo de Deus, infere que Deus goza pelo sacrifício de seu filho, Isaac. A voz de Deus se apresenta, no entanto, demandando que o sacrifício seja do pai primordial, cordeiro Elohim, pai que goza. Assim abre-se a via do desejo. Assim passa-se do Outro A ao Outro ~~A~~ eliminando-se a possibilidade do saber sobre o gozo sexual já que o Outro não tem acesso a ele. O que se organiza, assim, é uma economia psíquica onde a relação sexual só pode ser inscritas na fantasia, entendida como as relações entre  $\$$  e o que causa seu desejo, a (CZERMAK, 1991).

Vemos, assim, uma cultura onde, graças à incidência da barra sobre o Outro, o sujeito entra pela identificação a um pai multifacetado. Pai simbólico, na medida em que permite a identificação ao S1, permite a identificação fálica, mas também real, pai da voz, identificação ao objeto causa. A clínica nos mostra o quanto tal identificação produz formas clínicas pouco promissoras. É, no entanto, possível, a mediação pela fantasia, operando como um filtro, barra que afasta do gozo. É essa situação que vem sendo questionada na contemporaneidade.

## A contemporaneidade no consultório do psicanalista

Acima apresentamos a cultura pensada a partir da função paterna e da pulsão. Agora apresentaremos a contemporaneidade pensada a partir de três elementos: a queda da função do Outro, o declínio do Nome-do-Pai e a nova relação aos objetos.

### A queda do Outro

A primeira característica da contemporaneidade é a queda do lugar até então reservado ao Outro. O lugar Outro é aquele que fornece leis para a linguagem, externo ao sujeito, terceiro por definição. É dali que o sujeito recebe sua mensagem invertida como questão.

Pode-se indicar a queda dos grandes textos como uma manifestação disso. Os grandes textos religiosos, os textos filosóficos, os textos fundamentais dos movimentos políticos e ideológicos já não organizam mais a cultura. A transferência é o que sustentava a relação com estes textos, colocados em um lugar de saber suposto (MELMAN, 2003b).

Como causas desta queda do Outro a literatura que os psicanalistas produzem indica principalmente o avanço da ciência e a lógica neoliberal. A ciência, de fato, se aproxima de prescindir do sexo para a reprodução, permite o controle das manifestações visíveis do desejo sexual, desafia o limite da morte e força a uma ressignificação do que é a vida humana com a produção de tecidos e organismos em laboratório. O cadáver já não é mais sagrado, podendo ser manipulado e até exposto, protegido da degradação por novas técnicas. A internet sustenta a ilusão de que há um lugar acessível onde todo o saber encontra-se depositado. O avanço tecnológico deixa as gerações mais velhas para trás, modificando o valor da senioridade como

referência de sabedoria. Articulado ao avanço da ciência a lógica neoliberal atribui o valor das pessoas à sua importância na cadeia produtiva.

A relação entre lei e desejo pede que o desejo seja marcado por um limite. Assim, o Outro é possibilidade de desejo, oferece alternativas de satisfação, ainda que parciais. A desvalorização deste lugar no social, portanto, tem uma incidência óbvia sobre as manifestações clínicas. E de fato frequentemente nos encontra, hoje, uma queixa depressiva que quase pode ser descrita como uma ignorância sobre o desejo, uma incapacidade de se deixar afetar por qualquer coisa. Sem o limite situado pelo Outro, como sustentar o desejo?

Mas não faltam suplências para este lugar Outro. A contemporaneidade nos brinda com uma inflação da opinião do pequeno outro. Isto aparece na quantidade de recursos técnicos que favorecem a comunicação instantânea e planetária com todos (não com cada um, com todos), na emergência de grupos organizados em torno de gozos comuns (formas clínicas, hobbies, práticas sexuais) ou de demandas comuns (“minorias”, movimentos dos sem...) de reconhecimento ou de outra forma de gozo.

## O declínio do Nome-do-Pai

Esta expressão aparece muito na literatura psicanalítica para pensar a contemporaneidade. O Nome-do-Pai, em Lacan, é o que permite articular a constituição do sujeito com o significante, o significante com o significado, a linguagem com a realidade. Junto à emergência do significante falo, é a outra função privilegiada na constituição do sujeito. É fruto da metáfora paterna, operação onde uma significação nova surge a partir de uma substituição significante: a significação da possibilidade da significação.

A significação a que nos referimos será dada pela significação do falo, uma função imaginária que simbolizará o desejo do primeiro outro com que o sujeito se relaciona, a mãe, uma significação que só é evocada pela metáfora paterna. Toda cadeia simbólica é regida pelo Falo, esse significante que se apresenta enquanto signo e objeto do desejo, é o Falo que sustenta a função paterna e, portanto, a determinação simbólica do sujeito. A mãe é o fator que institui, na neurose, o pai como mediador do que ultrapassa sua própria lei, instituindo assim o Pai como lei e, portanto, este como Nome-do-Pai. O pai aparece no plano imaginário como aquele que priva o sujeito da mãe, aquele que a criança encontra como Outro da mãe, que funciona como Outro para ela, a lei que retornará à criança é a lei do pai que a priva da mãe.

Ou seja, lidamos com uma função que já está presente desde o início, primeiro como significante do pai, inserido na cadeia como Nome-do-Pai; depois como fala articulada do pai e por último como lei. O pai agora é aquele que, nomeado pela mãe, funciona como mediador de seu capricho e se apresenta como a lei como tal.

O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei. Ele se coloca, por assim dizer, acima desta. O pai acha-se numa posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei (LACAN, 1999 [1957-58], p.202).

Mas para que um pai possa exercer estes efeitos

é preciso que o social venha homologar o que é sustentado no seio do recinto privado. A sociedade deve estar congruente com aquele que

sustenta o lugar ao intervir como pai real tanto em relação à criança quanto em relação à mãe (LEBRUN, 2004, p.43).

Ou seja, à medida em que a lei vai ser instaurada para um sujeito pelo menos três elementos estão interagindo: a nomeação que a mãe faz de um desejo que está para além dela mesma e da criança, a disponibilidade que o pai tem para intervir quando nomeado e a chancela social.

Uma consequência direta deste enfraquecimento da chancela social do lugar paterno é a percepção cada vez mais comum de que qualquer intervenção que se autorize pela autoridade paterna é abusiva, autoritária e ilegítima. Um paciente questiona no consultório como responder ao filho que lhe indaga porque sua opinião de pai tem um poder decisório maior do que a dele, de filho. Trata-se de um homem nascido na década de 1980, já maduro. Seu pai, ele diz, teria respondido um ‘porque sim’ e isso teria bastado. Mas de fato, como responder algo como isto hoje? É este o efeito mais sensível do declínio do Nome-do-Pai. Não há uma referência social que chancela a autoridade paterna.

## Uma nova relação com os objetos

Como visto, o valor de um objeto de satisfação, na cultura descrita por Freud, dependia de sua possibilidade de representar o objeto primeiro de satisfação, impossível para seres falantes. Ou seja, o objeto valia a partir de uma delegação, no psíquico, do apelo do corpo que só terá efeito se articulado a uma imagem; ou seja, nomeação do desejo por algo que está em outro lugar, distante do objeto em si.

Hoje vemos uma relação utilitária com os objetos. Os objetos valem por sua utilidade. Isto engloba pessoas, habilidades, características de personalidade e até mesmo objetos materiais. Caem as referências a questões éticas, ideológicas, morais ou religiosas. A cultura lida muito mal com os objetos que sobram da cadeia produtiva: lixo, aposentados, poluição, inválidos (LEBRUN, 2004).

O tipo de relação com o objeto atualmente segue o modelo da perversão (MELMAN, 2003a). A relação neurótica com o objeto é de permanente dúvida. O desejo tem sua causa no Outro, portanto, fora do sujeito, que nunca estará, portanto, seguro de sua escolha objetual. Assim a relação com o objeto sob o modelo neurótico é sempre uma aposta. Esta aposta não é feita às cegas, ela é orientada pela fantasia, mas a fantasia é ela também sem garantias, já que o Outro também é barrado. Na relação perversa com o objeto a lacuna do Outro, e, portanto, de si, é desmentida. Assim o perverso não tem dúvidas sobre sua escolha. Mas esta forma de relação com o objeto tem uma consequência muito séria. Ela inaugura uma modalidade de relação com o objeto que é de dependência, de adição. A presença do objeto garante toda a satisfação, na sua ausência nenhuma satisfação é possível (MELMAN, 2008).

Pela lógica freudiana apresentada anteriormente a satisfação está relacionada ao estabelecimento de um limite e de seu possível ultrapassamento. A representação seleciona aquilo que a fantasia filtra como possibilidade de satisfação, gerando um resto que é obsceno, excessivo, indigno de ser representado. Hoje, ao contrário, o excesso é digno de representação.

Antes o objeto *a* era a suposta resposta à questão de que o Outro quer de mim. Na contemporaneidade ele está exposto ao uso, presente na realidade, impossibilitando responder ao Outro. A fantasia, que estruturava nossa relação com o objeto *a*, organizando o gozo pela lógica fálica, torna-se

obsoleta. Há uma exigência permanente de gozo sem limite, que se opõe à lógica do desejo, trata-se do gozo direto do objeto. E, como a vida é o que opera o limite ao gozo, ela perde seu valor.

A questão que resta enfrentar, agora, é a de tratar das consequências destas mutações sociais para a clínica.

## O que chega ao consultório hoje

A questão que mais chega à clínica hoje é, provavelmente, a depressão. Na fala dos pacientes trata-se, pura e simplesmente, de um sentimento de desvalia, de ausência de desejo.

Diante de tudo o que já foi escrito até aqui não é difícil entender que o valor é experimentado na relação ao Outro e é estabelecido pela lógica fálica. Por consequência, a depressão é, essencialmente, o sentimento de não ter valor para o Outro (MELMAN, 2003b).

É preciso questionar como os operadores freudianos nos orientam em relação a este quadro clínico. O valor que experimentamos possuir está relacionado à minha distância em relação aos meus ideais. Na identificação ao pai simbólico, pai morto, estabelecem-se, em paralelo à face imperiosa do supereu, que exige o gozo, os ideais, que conduzem na lógica fálica. Na contemporaneidade, como vimos, o valor de tudo é utilitário, referido à cadeia produtiva. Isto horizontaliza as referências. Agora não é o Outro que chancela ou avaliza, são os outros, é o “valor de mercado”.

Este é o sentido da relação entre a mutação social contemporânea e a depressão, a nosso ver. A depressão, hoje, é uma consequência da organização social. O que a psicanálise pode fazer é dar lugar ao sujeito diante disso, questionar sua posição diante deste social. A oferta de um lugar de palavra é o que pode permitir que algo de um outro critério de avaliação de valores possa ser adotado.

Outra manifestação clínica que amplia muito sua presença em nossos consultórios é o que se pode pensar como a adição. Não apenas a drogadição, mas uma adição mais ou menos generalizada.

A drogadição não é fenômeno novo. Freud (1974 [1930]) afirmou que não é possível lidar permanentemente com o mal estar. O uso de recursos que anestesiem este mal estar, portanto, é presente em qualquer cultura. É preciso pensar, no entanto, se é possível pensar a dependência como um sintoma psicanalítico. Pensá-la no modelo do sintoma psicanalítico é entendê-la como um retorno do recalcado, como uma metáfora, como alguma coisa sobre a qual é possível se produzir uma associação. Se assim for é possível que a psicanálise acesse a toxicomania pela associação livre e, em certa medida, nossa prática estaria tranquila.

Mas os psicanalistas não estão tão tranquilos em relação à drogadição. Há quem sustente (NOGUEIRA FILHO, 1999) que o efeito da droga no real do corpo provoca uma ruptura com a história pessoal do sujeito, modificando sua relação com a linguagem e, no mesmo golpe, estabelecendo um novo endereçamento ao Outro. A droga não pode ser tratada como um objeto, no sentido psicanalítico, por promover uma satisfação que rompe com a cadeia significante. A relação com o Outro seria recusada e o desejo seria substituído pelo consumo, que possui um gozo certo, mais circunscrito.

Laurent (2014) indica como a droga opera como um objeto de gozo que não se circunscreve pela fantasia. A via para a satisfação do uso da droga prescinde da fantasia e, assim, rompe com a lógica inaugurada pelo Nome-do-Pai e não seria descritível como gozo fálico. Este autor afirma, ainda, que

a droga possibilitaria um gozo uno, uma vez que não seria equivalente ao gozo parcial possível pelo corpo limitado pela fantasia.

É comum que o usuário de drogas apresente seu ato como única satisfação possível na sua vida. É comum, também, que a descreva como satisfação sem barra, sem falta, sem as limitações encontradas no sexo (com o que o uso da droga é frequentemente cotejado) e no corpo (que deixa de atrapalhar a existência, durante o uso). Por isso não é possível dizer que a droga opere como objeto do desejo já que o objeto fornece satisfação apenas parcial, o que alimenta uma cadeia metafórica que vai impelir a novos objetos. A falta de divisão que estamos indicando também nos impede de pensar a toxicomania como um sintoma. O sintoma pressupõe a divisão, pressupõe que o sujeito esbarre com a falta e, como vimos (e ouvimos) o uso da droga é uma maneira eficaz de evitar a divisão, e, portanto, o desejo (CAMARA, 2012).

Melman (1992) há quase trinta anos já indicava como o uso de drogas ilustra o tipo de gozo ideal do discurso capitalista, de forma autoerótica e alienada, desvinculado de qualquer ideologia ou proposta de transgressão. Ao contrário do que foi visto acima, no entanto, este autor indica como o gozo aparece nos momentos em que a droga falta, nos momentos da fissura, da abstinência. O consumo apenas encerra a tensão, poupando o sujeito da existência fálica. Neste sentido, toda droga seria um sexolítico (MELMAN, 2003a), pois ao retirar o sujeito da economia dos objetos regidos pela lógica fálica permite uma via de satisfação que prescinde do outro.

Ao tratar do assunto, este autor indica que a função da droga é a de libertar o homem da parcialidade de sua existência e pensamento. Ou seja, de algum modo a droga se opõe à ordenação do campo simbólico, da subjetividade fálica, portanto. O ato do toxicômano, assim, é abrir mão da subjetividade, já que esta subjetividade é a única coisa que pode limitar a consumação do gozo. Mas o que não é simbolizado aparece no real. No caso do abuso de substâncias, no real do corpo sem a mediação do significante. Trata-se, como consequência, de um gozo objetual, de gozar da posição de objeto, já que é a única forma de gozar plenamente. Assim a droga não pode ser pensada como objeto de satisfação, ela passa a nomear um Outro para este sujeito, que autoriza um ato que permite escapar à angústia da existência, sempre dolorosa. Nesse sentido a consumação máxima deste gozo seria a overdose (MELMAN, 1992).

Mas a dependência só chega ao consultório como questão quando falha. No caso das drogas o limite da legalidade, a minimização dos efeitos com a correlata exigência de doses cada vez mais altas, as consequências das perdas dos laços sociais e direitos, são estas algumas das coisas que fazem com que a lógica do significante se infiltre, insista, esburaque a estratégia do toxicômano.

A grande questão que a drogadição nos coloca, portanto, é como agir diante deste empuxo à evitação da castração e ao gozo objetual que a contemporaneidade sustenta. De fato, a psicanálise foi criada para lidar com as dificuldades da parcialidade da satisfação e com o sujeito necessariamente dividido que a lógica significante promove. As históricas mostraram a Freud o insuportável do desejo e a necessidade de se endereçar ao Outro um questionamento sobre isso que nos move sem que seja possível nomear. Chegamos assim a um último ponto: a histeria, na contemporaneidade, não pode ser pensada como ela o era nos tempos de Freud e mesmo de Lacan. É preciso, portanto, saber formular o que está mudando para que a psicanálise possa manter sua prática sem se afastar de sua ética. Isso não é tarefa fácil.

Do ponto de vista das formas clínicas a histeria se apresenta de forma bem distinta do que se apresentava há um século. Mas talvez isso pudesse ser dito há um século. A histeria, historicamente, se apresentou sempre com

as formas que a cultura lhe ofereceu. O formato do sintoma histérico é sempre relacionado à cultura em que aparece. Assim a emergência das formas contemporâneas da histeria (sintomas dolorosos, crises de pânico, transtornos alimentares), por si só, não justifica que se afirme que a histeria mudou. É preciso, para especificar uma “nova” histeria, que se descreva onde e se ela escaparia à sua descrição estrutural.

O que fez a novidade de Freud, no início de seu percurso, foi propor a substituição da etiologia orgânica da histeria pela etiologia sexual. O aparato psíquico seria, então, uma máquina de encontrar, na realidade, formas de satisfação sexual. Cada estrutura clínica sendo, a partir de então, uma forma distinta de encaminhar esta tarefa e se defender do que esta tarefa sempre implica de malogro.

O modelo inicial freudiano é bem conhecido. O recalque é o mecanismo típico da neurose histérica, impedindo que se fale dos desejos. O sintoma histérico é pensado a partir de uma relação entre corpo e psiquismo que funciona de forma a que aquilo que não é representado no psiquismo seja manifesto no corpo – a histérica teria esta complacência somática que a torna particularmente suscetível a representar no corpo ao invés da palavra. Por último uma lei geral do aparato psíquico, o princípio do prazer, que justifica que o objetivo do aparato seja atingir o mínimo de tensão, livrando-se de tudo o que produz tensão. Também é bem conhecida a clínica que deriva deste modelo. Já que os sintomas aparecem no lugar de um dito que se calou, basta fazê-los serem ditos.

Com a segunda tópica o aparato psíquico passa a ser regulado não mais pela busca do nirvana, mas por um automatismo de repetição, mas pela tentativa de reeditar o fracasso de expelir a tensão que o fundou originalmente. O aparato busca repetir o trauma original, busca a mesma impossibilidade da satisfação que, em um ponto zero lógico, foi sua fundação. O recalque, por sua vez, já não é mais pensado como um sujeito que se exime frente à formulação de seu desejo, mas como aquilo que se articula em torno de um recalque original que não é possível desrespeitar, que organiza as possibilidades do sujeito na linguagem. Agora a questão do sintoma precisa ser pensada não mais como uma metáfora daquilo que o sujeito não tem condição de perceber, mas é algo constitutivo do próprio aparato psíquico, da estrutura psíquica. É daí que Freud virá a questionar, até a reta final de seu percurso, se a psicanálise pode encontrar seu fim. Afinal, o sintoma, nós nos organizamos em torno dele, nós o amamos e preservamos, ele constitui aquilo que temos de subjetividade.

É esta a questão central que a histeria colocou ao saber, fosse ele qual fosse à sua época. O corpo é o lugar privilegiado do sintoma. Ali onde o corpo pode evocar o desejo, pode gerar satisfações, tudo o que se encontra é sintoma. E falta aquilo que diria finalmente qual o valor deste corpo, deste corpo, vale dizer, da histérica, no feminino. A questão da histeria concerne assim ao gozo que ultrapassa o fálico, aquele gozo que Lacan chamou Outro. O corpo da histérica é denunciado e questionado (mesmo quando a ciência o diagnostica como são) por sua insuficiência em relação ao que seria a satisfação sexual ideal. Este corpo aparece, assim, como Outro, e a histeria sustenta que no Outro as coisas vão mal. Por isso que o sintoma histérico, ao contrário do orgânico, não aponta o real e a morte. O sintoma histérico é um desafio que questiona esta falibilidade do Outro, no que concerne à garantia da satisfação sexual. A histérica endossa, ao fazer de seu corpo o lugar do sintoma, a inexistência da relação sexual (MELMAN, 2018).

Até este ponto não há divergências que sejam sérias na literatura psicanalítica. O ponto que, no entanto, engendra algum debate é a questão do endereçamento do sintoma. O destinatário da mensagem histérica é sempre um pai. Isto se organiza pela eleição de um sujeito suposto ao saber que é componente necessário do sintoma histérico. Não há sintoma se não há um olhar, há sempre alguém que deve testemunhar, acudir, remediar o

sintoma. Trata-se do mestre a que a histérica se endereça, só para vê-lo dar provas de sua falibilidade, só para ela poder dizer o quanto ele não a compreendeu, afinal. Pois bem, se na contemporaneidade este pai está sendo tão amplamente questionado seriam os sintomas históricos “desendereçados”?

O que o psicanalista pode fazer, então, é sustentar um laço social distinto daquele histórico. Com o discurso analítico certamente o sintoma não estaria melhor solucionado, já que será visto como inerente à estrutura. Trata-se, portanto, de estar diante da impossibilidade da relação sexual sem com isso alimentar a reivindicação, a acusação e as manifestações corporais que são as respostas da histeria, sempre, como vimos, endereçadas a um olhar, a uma voz de quem espera algum tipo de resposta apaziguadora, resolutiva (MELMAN, 2018).

A delicadeza da questão recai no fato de que “nossa época científica tende a relançar a histeria no campo da alienação, ou seja, recusar-se a considerar que o sintoma não é localizável nem no campo da doença nem do acidente, mas na estrutura onde ele concerne cada um” (MELMAN, 2018, p. 28). Assim, qualquer tentativa de entender a histeria que retire o que lhe é essencial, a saber, o endereçamento que ela faz, ao saber do pai, desta impossibilidade que nos é estrutural, a impossibilidade da relação sexual, qualquer proposta que a leia fora disto tende a reproduzir a forclusão do sujeito que a ciência operou. Mas na contemporaneidade, com a forclusão do Nome-do-Pai este endereçamento vem sendo questionado.

Na contemporaneidade, como vimos, o avanço da ciência e o consequente esvaziamento do Outro vem produzindo uma forma de relação com os objetos que aparece modelado pela adição, pela relação de gozo absoluto que só é possível na posição de objeto, ou seja, por um gozo que escapa ao fálico. Dito de outra forma, o gozo masoquista aparece, hoje, como norma.

O questionamento do endereçamento ao pai, presente na corrente hegemônica do lacanismo, admite a impossibilidade dos psicanalistas em questão lerem as formas contemporâneas da histeria orientados pelo Nome-do-Pai “já estruturado”. A questão parece recair na surpresa pela localização do sintoma nos fenômenos somáticos das novas formas clínicas. Assim, a anorexia, a ansiedade pânica, a perda do tônus libidinal da depressão e etc. não são mais entendidas como uma forma de denúncia, endereçada ao pai, da inexistência da relação sexual. Ao invés disso reedita-se o que a segunda tópica freudiana descobriu: há algo que escapa ao funcionamento do simbólico, que resiste à significação e que se manifesta clinicamente resistente à palavra.

Por isso, precisamos conceber o sintoma não com base na crença no Nome-do-Pai, mas baseado na efetividade da prática psicanalítica. Essa prática obtém, através do seu manejo da verdade, alguma coisa que toca o real... A partir do simbólico, alguma coisa ressoa no corpo, e faz com que o sintoma responda (LAURENT, 2013 p. 12).

A orientação clínica a partir daí, se bem se lê os textos produzidos neste contexto específico, indica uma injeção de sentido no campo do real, o psicanalista deverá reinserir o Nome-do-Pai, articular a pulsão ao campo do sentido, oferecendo à pulsão que se manifesta nos sintomas históricos contemporâneos cadeias simbólicas que possam ancorá-lo na palavra. De algum modo, portanto, cumprir o papel do pai, de que a cultura carece.

Talvez deva-se questionar se esta profusão de saberes sobre a histeria não estaria apenas cumprindo a vocação do mestre diante dela. Pois a histeria sempre desafiou o saber que dela se ocupava. Quando o médico era seu alvo, o organismo que o médico pretendia dominar escapava de seu

saber. Depois de Freud e, principalmente, depois da popularização da psicanálise, a histérica não visa apenas o médico. O psicanalista é seu interlocutor privilegiado. Ele já não se deixa mais enganar com o organismo. O saber do psicanalista diz respeito à linguagem: o sintoma precisa escapar à linguagem, portanto. Nesse sentido, a histeria está apenas fazendo o que sempre fez quando se apresenta desvinculando o corpo da palavra.

Mas se não é no texto, na interpretação textual que encontramos a solução para ler os sintomas contemporâneos, o que fazer com eles? Uma alternativa é fornecida pelo lacanismo hegemônico: injeção de pai, articulação da pulsão com o sentido. Ao nosso ver esta direção corre o risco de fugir daquilo que indicamos acima como essencial: a inexistência da relação sexual como aquilo que esta resistência ao sentido grita. A ética psicanalítica, o discurso psicanalítico precisa respeitar este fato. Mas se o grito da histeria é hoje silencioso, sem palavras, desvinculado do sentido, cabe aos analistas selecionar melhor suas armas.

Freud (e porque não mais tomar Freud como referência?) mostrou que há uma forma de defesa que impede a significação que é anterior ao recalque: o desmentido que apresentamos acima. Este desmentido, ele está vinculado à perversão, não à neurose, na obra freudiana e na leitura lacaniana.

A contemporaneidade, vimos, nos oferta uma relação com o objeto que segue o molde da relação perversa, o tudo ou nada, a presença/ausência do objeto fetiche. Estabelece como molde de gozo o gozo objetal, masoquista. Estes são pontos relativamente pacíficos na leitura psicanalítica da contemporaneidade. Mas não é comum que se tire a consequência de que, neste caso, talvez nossa prática em relação ao recalque não opere tão bem. Investiguemos, brevemente, para concluir, uma outra possibilidade de encaminhamento para a leitura dos sintomas histéricos.

Ao contrário do recalque, o desmentido opera no nível da codificação, da inscrição e arquivamento dos traços da percepção. Desta forma o recalque precisa da organização fálica já estabelecida, já operando, e sua incidência deixa um rastro no simbólico, que é aquilo que Freud segue para a decifração do sintoma. O desmentido, por sua vez, opera em um nível mais primário, no nível das letras, mas já dentro da lógica do significante.

A Verleugnung, então, produz, no nível do processo de cifração, um deslocamento de letras graças ao qual a significação incompatível é subtraída e passa ao refugio. Mas, desta forma, esta significação não é forcluída: ela se inscreve no texto como entrevista e lançada ao refugio, ela insiste no texto como desmentido por ele. Com efeito, o deslocamento efetuado no arquivamento dos traços de percepção produz no texto diversas faltas, erros ou falhas de tipografia que marcam o texto com fraturas, esquizas e pelas quais o texto porta a incompatibilidade que ele desmente (LEMÉRER, 1997 p. 98)

Como se vê o efeito do desmentido perdura no texto mas, como o assassinato de Moisés ou sua nacionalidade, não gera consequências subjetivas.

Na clínica de hoje, encontramos pessoas que falam de seus sintomas e de sua função em sua vida, escancaradamente, mas sem tirar nenhuma consequência. Neste sentido os sintomas parecem não recalcar nada, mas a consequência subjetiva daquilo que está à mostra não se faz necessária.

É assim que Freud opera diante da escultura de Michelângelo, o Moisés (FREUD, 1974 [1914b]). O que Freud faz é olhar como um leigo e construir um texto a partir de detalhes que foram negligenciados por outros. É um trabalho de recolher aquilo que escapa ao dito, escapa ao sentido. O que Freud faz é distanciar-se do que existia até então como interpretação. Se a

interpretação consistia em fazer das manifestações psíquicas dos sintomas um texto manifesto, cujo sentido latente seria pela interpretação restabelecido pelo remetimento a suas raízes infantis, contornando o recalque, “o trabalho de escrita sobre sua interpretação do Moisés coloca Freud frente a uma coisa completamente diferente: não uma representação recalçada, mas uma percepção recusada” (LEMÉRER, 1997 p. 34).

O limite da interpretação é provocado pelo encontro daquilo que suscita seu efeito mais intenso: o sacrilégio, que quase obriga ao intérprete a não reconhecer alguns de seus traços, e a interpretá-la como retratando outra coisa.

Se o pai simbólico, cujo mito original Freud construiu em Totem e Tabu, funda em cada cultura os limites do texto e do saber aos quais o sujeito está, como tal, assujeitado, será com os detalhes ignorados deste recorte significante – detalhes ignorados como fora do texto, cujos traços assombram e infestam o texto, que se efetuará o ato criador, os retornos do recalçado do texto inconsciente do artista vindo dar a estes detalhes sua versão particular na obra (LEMÉRER, 1997, p. 37).

O Moisés de Michelângelo nos serve para demonstrar o procedimento freudiano em relação àquilo que pode, em um texto, constituir um fora-do-texto, constituir um resto que, no entanto, permanece no texto como uma falsificação jamais apagada. Uma percepção Verleugnen, desmentida, como dissemos, não apaga o fragmento da realidade que impede a satisfação pulsional, ela mantém este fragmento no próprio texto, que, doravante, transmite a própria incompatibilidade que ele desmente.

Com a gravidez, na contemporaneidade, das relações diretas com o objeto e com a perda da importância daquela face do pai que inaugura a ordem fálica talvez a clínica pudesse lançar mão de velhas ferramentas. Ao invés da interpretação, a escrita do caso clínico. Tratar os sintomas não como desvinculados da significação, mas como significação dada ao olhar, à mostra, escancarada, mas desmentida. Trata-se, mais do que nunca, de sustentar uma ética em que cabe ao sujeito tirar consequências daquilo que lhe escreve.

## Conclusão

Abrimos o texto dizendo que apresentaríamos uma forma de descrever nossa cultura; relacionaríamos nossa cultura às formas clínicas que chegam ao consultório e, por fim, proporíamos uma descrição destas formas de maneira a sustentar uma intervenção clínica.

Ao fechar o texto fica a certeza de que ao menos o último destes objetivos perdura inacabado. Sempre estará. As formas clínicas acompanham as mudanças culturais. Não cabe ao psicanalista nenhuma nostalgia em relação ao que ficou para trás em termos de organização social. As novas formas clínicas não são mais fáceis nem mais difíceis de tratar que as formas clássicas. O preço que se paga, hoje, é o de formulá-las de forma a poder atendê-las, articulando a teoria à prática.

A leitura dos textos que os psicanalistas produzem para dar conta da contemporaneidade levanta uma questão constrangedora. A psicanálise é um discurso que também está inserido na contemporaneidade. Não está a salvo dos efeitos da contemporaneidade que elencamos acima, portanto. Fica o questionamento se à queda do Outro na cultura não corresponde uma queda do Outro em nosso campo. Se a dissolução da transferência que vemos na cultura não tem seu correlato na comunidade dos psicanalistas. Se for assim, a morte do autor, o esvaziamento da suposição de saber, o

questionamento de tudo o que poderia ser considerado “palavra do pai” pode estar atingindo a nós, psicanalistas.

Não é impossível que se estabeleça, com a teoria psicanalítica, uma relação análoga à que se estabelece com os objetos de consumo na nossa cultura. Não é impossível que os psicanalistas, exortados pelas leis do mercado, se vejam tentados a responder pela utilidade da psicanálise. Mas a psicanálise, como a arte, sempre foi inútil. Não serve ao mercado, não favorece a cadeia produtiva. Mas talvez estas frases estejam, também, obsoletas. Talvez seja preciso reescrevê-las no tempo passado, “a psicanálise era inútil, não servia ao mercado...”

Não é possível negar que a histeria que nos chega aos consultórios tem uma forma diferente da que tinha antes. Mas questionamos se não foi sempre assim, já que ela acompanha a cultura. Logo, ela continua a histeria de sempre, mutante. Foi preciso lembrar que Freud não encontrou a histeria já pronta para a colheita. Foi o ato de Freud que tornou o espetáculo histórico em um texto. Traduziu o sintoma como metáfora utilizando como chave o endereçamento ao pai. E parece ser certo que hoje esta chave não funciona mais. Pois se a histérica constrangia o médico desvinculando o seu sintoma do organismo, hoje ela constrange o psicanalista desvinculando seu sintoma das palavras. E aí até o termo sintoma perde sua precisão.

O texto se encaminhou para a questão do escrito, que por si só daria outro texto da mesma magnitude ou maior. Conclui-se com a sugestão de que, se os sintomas de hoje resistem ao sentido, cabe tratá-los como desmentidos e escrevê-los, já que não parece possível salvar o pai em uma cultura que não lhe dá mais respaldo algum.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 01/03/2019

**Aceito:** 30/04/2019

## Referências bibliográficas

CAMARA, G. O papel da droga para o sujeito no mal-estar da civilização atual. **Cogito**, Salvador, v. 13, p.53-57, nov. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 nov. 2019.

CZERMAK, M. **Paixões do objeto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, S. Totem e Tabu (1913). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIII, p. 13 - 163.

FREUD, S. Sobre o narcisismo, uma introdução (1914). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 89 - 119.

FREUD, S. O Moisés de Michelângelo (1914b). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, V. XIII p 217-239.

FREUD, S. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XVIII, p 89 - 179.

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão (1927). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p. 13 - 71.

FREUD, S. O Mal Estar na Civilização (1930). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p. 81 - 171.

FREUD, S. Moisés e o Monoteísmo (1939). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXIII, p. 13 - 161.

LACAN, J. - A instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. - In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 197-213.

LACAN, J. **O Seminário, livro 05, As formações do inconsciente** (1957-8). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 10, A angústia** (1962-63). Inédito.

LACAN, J. **Nomes do pai** (1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário: Livro 17, O Avesso da Psicanálise** (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LAURENT, E. "Três observações sobre a toxicomania". In: Mezêncio, Márcia; Rosa, Márcia; Faria, Maria Wilma (Org.). **Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 19-26.

LAURENT, E. Falar com seu sintoma, falar com seu corpo. **Textos do VI ENAPOL. VI Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana. Falar com seu sintoma, falar com seu Corpo**. Buenos Aires, 2013, p.11 - 20. Disponível em: <http://www.enapol.com/pt/Textos.pdf> . Acesso em 17/11/2019.

LEBRUN, J.-P. **Um Mundo Sem Limite - ensaio para uma clínica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEMÉRER, B. **Les deux Moïse de Freud**. Paris: Editions Erès, 1997.

MELMAN, C. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar**. São Paulo: Escuta, 1992.

MELMAN, C. **O Homem sem Gravidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003a.

MELMAN, C. **Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio**. Porto Alegre: CMC Editora, 2003b.

MELMAN, C. **Formas Clínicas da Nova Patologia Mental**. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2004.

MELMAN, C. **A Prática Psicanalítica Hoje**. Rio de Janeiro: Publicações do Tempo Freudiano, 2008.

MELMAN, C. **Novos Estudos sobre a Histeria**. Rio de Janeiro: Publicações do Tempo Freudiano, 2018.

NOGUEIRA FILHO, D. M. **Toxicomanias**. São Paulo: Escuta, 1999.